

“MOMENTANEAS” E “HORIZONTAIS”: AS PROSTITUTAS NAS CRÔNICAS DE ARTUR AZEVEDO

Esequiel Gomes da Silva¹

RESUMO: Em 1885 Artur Azevedo inaugurou no *Diário de Notícias*, no Rio de Janeiro, a seção “De palanque”, propondo-se a comentar sobre arte, cultura e assuntos genéricos. Num momento em que os “gêneros alegres” dispunham de grande prestígio entre a população fluminense, havendo, portanto, entre os homens de letras um pensamento comum acerca da “degeneração” da dramaturgia nacional, nas crônicas dessa seção o crítico comenta recorrentemente sobre a presença das prostitutas nos teatros da Corte. Na percepção do jornalista, as casas de espetáculo, que tradicionalmente funcionavam como espaço de entretenimento para as melhores famílias da sociedade fluminense, tornavam-se lugares propícios ao “comércio do prazer”. Assim, além da “decadência” na arte dramática, havia uma decadência moral, que encontrava nas putas suas principais agentes. Importa considerar ainda que o descontentamento de Artur relativamente às mulheres de “beijo fácil” estendia-se também à presença delas em outros espaços de convívio social. Levando-se em consideração o contexto em que vivia o cronista – um período fortemente marcado pela preocupação e necessidade de controle do meretrício – pode-se dizer que em seus textos havia algo de “sanitarista” e, neste sentido, serviam como instrumento de divulgação das ideias defendidas nas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Rio de Janeiro; imprensa; crônica; teatro; prostituição.

ABSTRACT: In 1885 Artur Azevedo opened the section “De Palanque” in the *Diário de Notícias* journal, in Rio de Janeiro, proposing to comment on art, culture and generic issues. At a time when the “generos alegres” had great prestige among the population from Rio de Janeiro, and therefore it was having a common thought about the “degeneration” of the national drama among men of letter, in the chronics of this section, the author frequently comments on the presence of prostitutes in the theaters of the Court. In the perception of the journalist, the playhouses, which traditionally served as a space for entertainment to the best families of Rio society, became propitious environments to the “pleasure business”. Thus, besides the “decadence” in drama, there was a moral decay that has found in prostitutes its principal agents. It should also consider that the dissatisfaction of Artur regarding women “easy kiss” extended also to their presence in other areas of social life. Taking into account the context in which the author lived – a period marked by strong concern and need for control of prostitution – it can be said that in his writings there was something “sanitary” and, thus, served as a dissemination tool to the ideas defended in the theses of the Faculty of Medicine of Rio de Janeiro.

KEY-WORDS: Rio de Janeiro; press; chronic; theater; prostitution.

Introdução

A vinda da Família Real para o Brasil, em 1808, trouxe consigo a necessidade de se realizarem várias mudanças estruturais na cidade do Rio de Janeiro, que passava a ser a sede

¹ Doutorando em Letras pela Universidade Estadual Paulista/Assis. Bolsista FAPESP. E-mail: esequielg72@gmail.com

do Império português. Como mostra Lilia Moritz Schwarcz, em *O espetáculo das raças*, nessa época, foram criados os primeiros estabelecimentos de caráter cultural, como a Imprensa Régia, a Biblioteca, o Real Horto e Museu Real, que transformavam a colônia em um “centro produtor e reproduzidor de sua cultura e memória” (SCHWARCZ, 1993, p. 23-4). Ainda segundo a estudiosa, com a volta inesperada de d. João VI para Portugal, o processo por ele iniciado teve continuidade nas mãos de seu filho: após a Independência, em seu breve governo, d. Pedro I apoiou a fundação de novas instituições de saber, cujo projeto de expansão continuaria no Segundo Reinado. Dentre essas instituições estavam as Faculdades de Direito e de Medicina, que formavam jovens bacharéis, os quais, juntamente com d. Pedro II, se incumbiriam do destino do país.

Nessas instituições científicas, especificamente nas voltadas para a saúde, tiveram destaque os estudos e as práticas dos médicos higienistas, profissionais especialmente preocupados com o modo de vida da população. Dentre vários assuntos, a prostituição constituía um dos tópicos principais no discurso de tais médicos. Considerado um fenômeno natural e social, o meretrício despertava a preocupação do saber médico relativamente à necessidade de controlá-lo, dada a impossibilidade de erradicá-lo, como mostra Luiz Carlos Soares, no livro intitulado *Rameiras, ilhoas, polacas... A prostituição no Rio de Janeiro do século XIX* (1992).

Na obra acima referida, o pesquisador faz referência a algumas teses que privilegiaram a prostituição do século em questão como objeto de estudo. Os trabalhos por ele citados revelam que uma das preocupações dos homens de ciência era também apontar as causas para o crescimento do meretrício na capital do Império. De acordo com o saber científico,

[...] *o ardoroso clima, o desenvolvimento rápido da puberdade na cidade, a sua própria condição de cidade marítima e comercial, onde chegavam estrangeiros de nações e costumes diversos, e o grande número de estudantes e caixeiros, que necessitavam saciar o seu instinto carnal* (Grifos do autor) (SOARES, 1992, p. 22),

seriam agentes propiciadores do comércio do sexo. O historiador brasileiro assinala ainda que o grande desequilíbrio existente entre os sexos também elevava os índices de prostituição, porém, tornava justificável essa prática sexual, tendo em vista que as prostitutas serviriam para atender às necessidades sexuais de uma gama variada de homens.

O problema assumia tamanha importância no contexto para o qual nos voltamos que, além de detectar as causas do meretrício, o saber médico procurava ainda classificar as

“mulheres públicas” em categorias, vislumbrando o controle do “comércio” por elas exercido, já que o crescimento desenfreado da prostituição trazia consigo a disseminação de muitas doenças venéreas. Dessas tentativas de classificação resultaram dois tipos de prostituição: a pública e a clandestina (SOARES, 1992, p. 26).

O primeiro tipo compreendia três níveis de mulheres: as que habitavam as mais suntuosas casas e eram frequentadas por homens ricos; as que viviam em pequenos sobrados e eram visitadas por homens menos abastados; e por fim, as que moravam em casas tenebrosas e eram procuradas por homens da mais baixa condição social (SOARES, 1992, p. 26-9).

Essa caracterização se torna interessante se pensarmos que mesmo dentro de um grupo moralmente degenerado havia segmentações que apontavam para dois extremos em comportamento. Assim, apesar de meretrizes, as mulheres do primeiro tipo eram vistas como pessoas que, guardadas as devidas proporções, sabiam comportar-se com decência e conseguiam camuflar sua conduta indesejável dentro de uma sociedade que caminhava para o progresso.

A ideia partilhada pelos médicos era a de que mesmo possuindo comportamento condenável essa seria o tipo de meretriz mais tolerável, já que não incomodava as autoridades e não escandalizava os vizinhos. Com relação às do terceiro tipo, além de prostitutas, sobre tais mulheres pesava ainda a acusação de atacarem a decência pública, viverem em contínua desordem e não possuírem noção alguma de respeito, como sugere Luiz Carlos Soares.

Já a prostituição clandestina era praticada por mulheres que exerciam outras funções, ou seja, não tinham o meretrício como única forma de prover o sustento. As escravas, tanto as que saíam às ruas quanto as que viviam nos interiores domésticos, seriam um bom exemplo desse tipo de prostituta (SOARES, 1992, p. 28-29).

O estudo de Soares (1992) revela ainda que à medida que o tempo passava e aumentava o número de “mulheres da vida” e, fatalmente, o de doenças venéreas, outros especialistas também se voltavam para o problema. Essa foi a razão pela qual as autoridades policiais passaram a se empenhar na causa de controle do comércio do sexo. Para que esse controle fosse viabilizado, uma das primeiras preocupações dos chefes de polícia consistia em mapear os lugares que as putas costumavam frequentar. Dentre esses locais, estavam os teatros.

Se a prostituição era tolerada, tendo em vista que através dela a população masculina tinha possibilidade de satisfazer seus desejos mais bizarros, deixando as esposas livres de depravação², não se pode desconsiderar que em tais aventuras os maridos corriam o risco de contrair doenças venéreas e, conseqüentemente, contaminá-las. Daí a importância de se estabelecer um controle rigoroso sobre a prática da prostituição, o que compreendia tratamento médico para as meretrizes infectadas.

Mas o problema do meretrício não era preocupação apenas das autoridades científicas e policiais; também a imprensa teve seu papel importante no combate à venda do corpo e na defesa da moralização da sociedade. Dentre os jornalistas que se preocupavam com a prática e os efeitos da prostituição estava o maranhense Artur Azevedo (1853-1908), que residia no Rio de Janeiro e assinava a seção “De palanque” no *Diário de Notícias*. Sobre ele nos ocuparemos de ora em diante.

1. A presença das prostitutas na “De palanque”

A partir de 1875, com a fundação da *Gazeta de Notícias*, por Ferreira de Araújo, a imprensa brasileira passou por algumas transformações: ao invés de os jornais permanecerem ligados a pequenos grupos políticos, passaram a ter um caráter comercial e de massificação, vislumbrando atingir toda a população. Para chegar a um número cada vez maior de leitores, inaugurou-se também o sistema de vendas avulso e, como nova orientação, os periódicos deveriam tratar dos assuntos mais variados, de interesse geral, como lembram Nelson Werneck Sodré (2011) e Leonardo Pereira (1994). Seguindo os moldes da nova imprensa, surgiu em 1885, no Rio de Janeiro, o jornal *Diário de Notícias*, no qual o maranhense Artur Azevedo inaugurou uma coluna chamada “De palanque”, cuja proposta destacamos:

Nestas colunas tratarei de tudo, menos do que não entendo, analisando frivolamente *quid deceat, quid non*. Apreciação ligeira de um quadro que se expõe, de uma peça que se representa, de um fato que se produz, de um livro que se publica; hoje uma frase lisonjeira a este artista; amanhã uma catanada naquele mau poeta; efêmeras impressões, escritas sem pedantismo nem outra

² Ronaldo Vainfas, em *Trópico dos pecados*, desenvolve essa ideia, relativamente à prostituição em séculos anteriores ao XIX, mas acreditamos que a tolerância de que fala o historiador também se aplica ao período que nos interessa.

pretensão que não seja a de conversar com o leitor durante alguns minutos; orgulhoso propósito de não deixar desaforo sem resposta, parta de onde partir – eis o que sempre foi o *Palanque* no *Diário de Notícias*, e o será nas *Novidades* (AZEVEDO, 26/03/1887)³.

O jornalista levou para o *Diário* uma proposta abrangente, contemplando as esferas cultural e social. Na parte cultural da referida seção interessavam-no os assuntos sobre teatro, música, pintura, literatura, escultura, dentre outros. As epidemias, as brigas de capoeira, a seca, a falta de escoamento para a água das chuvas e a prostituição foram temas recorrentes na parte social. Durante os meses de junho de 1885 e junho de 1886, de algum modo, em ao menos treze artigos Artur Azevedo se ocupou das prostitutas espalhadas nos mais diversos lugares da cidade, inclusive nos teatros. Nas crônicas em que se propunha a criticar os espetáculos teatrais da capital do Império, o cronista trouxe para os leitores o outro ponto que tornava o teatro um ambiente impróprio para famílias decentes: a presença das “rameiras”. Ocorre que a própria estrutura das casas de espetáculo favorecia a presença desse tipo de “espectadora” nesses ambientes. No livro *O Teatro: crônicas de Artur Azevedo* (2009), no qual as professoras Larissa de Oliveira Neves e Orna Messer Levin reuniram os textos escritos pelo escritor maranhense na seção “O Teatro”, do periódico *A Notícia*, entre os anos de 1894 e 1908, há uma ideia mais precisa da arquitetura dessas casas:

[...] ao redor dos prédios, localizavam-se os jardins adjacentes, em que muitos espectadores se reuniam para conversar e beber, atrapalhando, com o barulho e a balbúcia, o andamento do espetáculo. Os teatros assim construídos adaptavam-se aos anseios dos frequentadores, que iam ao teatro não apenas para assistir às peças, mas também porque as casas de espetáculo funcionavam como ponto de encontro social (NEVES & LEVIN, 2009, p. 40).

O que chama atenção no excerto acima é a organização dos prédios já destinados a abrigar um tipo de dramaturgia caracterizada pelo caráter comercial e, portanto, pautada muito mais na bilheteria do que na preocupação em representar peças com “valor literário”. O fato era que as prostitutas, ou as “horizontais”, como as designava Artur Azevedo, encontravam nos teatros um local adequado para buscarem clientes. Por essa razão, como uma das medidas de controle pensava-se em proibir a entrada delas nos teatros. Com a proibição visava-se ainda impedir que as “senhoras honestas” não fossem confundidas com as

³ Pelo fato de a primeira página do primeiro número do *Diário de Notícias* estar mutilada, para termos acesso ao programa jornalístico de Artur Azevedo, tivemos que recorrer ao periódico *Novidades*, para o qual o cronista se transferiu em 1887 com a sua “De palanque”, em uma das vezes que deixou de escrever para o *Diário*.

“mulheres de beijo fácil”, já que algumas destas também andavam ricamente vestidas e cobertas de jóias de alto valor, como lembra Luiz Carlos Soares, no estudo ao qual vimos nos referindo.

Em crônica publicada em 6 de setembro de 1885, na qual se voltou para a festa artística da prima-dona Amélia Stahl, no teatro Pedro II, onde se apresentava a ópera *Gioconda*, Artur Azevedo assim se referiu às mulheres de “beijo fácil”: “as *horizontais* circulavam aos cardumes, e os comendadores passavam por elas imperturbavelmente sérios, como se não as conhecessem”(Grifo do autor) (AZEVEDO, 06/09/1885). Com essas palavras o cronista confirma as informações contidas nos trabalhos das autoridades médicas e policiais citados por Soares. Isto é, os homens abastados, em sua maioria casados, mantinham casos com as cocotes e sustentavam-nas.

Por ocasião da representação do drama *Fédora*, de Victorien Sardou, com o qual estreava a companhia dramática italiana da qual faziam parte Eleonora Duse-Checchi e Flávio Andò, no teatro São Pedro de Alcântara, em 25 de Junho de 1885, o cronista assinalou que “as *cocottes*, para reparar a falta de um jardim, procuravam o terraço e aí é que lançavam o anzol dos olhos à pelintrada ociosa. Mas, ao que parece, o negócio andou mal. Decididamente Sant’Anna é mais milagrosa que S. Pedro” (AZEVEDO, 27/06/1885). Contextualizando um pouco, à exceção do Pedro II e do São Pedro de Alcântara, os demais teatros eram abertos e cercados por jardins, como já apontamos. Pelas palavras do cronista fica claro que as putas não estavam no teatro em busca de uma noite agradável, apreciando o melhor da dramaturgia francesa. A grande intenção era expor a “tabuleta da sua profissão”. Na mesma noite de 25 de junho, no teatro Sant’Anna, pela empresa do português Jacinto Heller, representava-se a opereta *Cocota*, gênero que dispunha de grande prestígio entre os fluminenses, daí a brincadeira com os nomes do Sant’Anna e do São Pedro. Em outras palavras, dizer que “Sant’Anna é mais milagrosa que S. Pedro” significa que no teatro em que trabalhava a empresa Heller houve “enchente”, ao passo que no outro houve uma “vazante”. Assim, se as meretrizes tivessem ido “assistir” à *Cocota*, a noite teria sido mais rentável.

De fato, o jardim dos teatros era mesmo o local favorito das prostitutas. A crônica de 26 de novembro de 1885 começa da seguinte forma:

Todos sabem o que é uma primeira representação no Sant’Anna. O Heller capricha em reunir nessas noites uma sociedade escolhida, ao ponto de parecer que são os bilhetes que vão buscar o público, e não este que vai procurar os bilhetes. O que falta ao teatro é um salão em que se esteja nos

intervalos. O corredor dos camarotes é acanhado; o jardim, esse foi invadido pelas *momentâneas*, e não há Desgenais que as possa arrancar dali (Grifo do autor) (AZEVEDO, 26/11/1885).

Na crônica em questão, Artur Azevedo se voltava para a primeira representação da zarzuela⁴ *Amar sem conhecer*, de Barbieri e Gaztambide, levada à cena pela empresa Heller, no teatro Sant'Anna. Para que se entenda melhor a citação, cumpre observar que “Desgenais” é o *raisonneur* do drama *Les filles de marbre*, de Théodore Barrière e Lambert Thiboust, escrita e representada em 1853, segundo João Roberto Faria (1993). De acordo com o pesquisador, trata-se de um personagem característico de quase todas as comédias realistas, e tem como função “observar a ação central e emitir lições moralizantes às outras personagens e, principalmente, aos espectadores” (FARIA, 1993, p. 28). Assim, a retomada do personagem de Barrière e Thiboust para a composição da crônica é sintomática do desconforto do jornalista com a presença dessas “espectadoras” nas casas de espetáculo, bem como da necessidade de moralizar o ambiente.

A explicação para a escolha da palavra “momentânea”, termo também usado para designar as prostitutas, veio no artigo publicado em 12 de outubro, por ocasião do reaparecimento da companhia de operetas de Jacinto Heller, no teatro Sant'Anna, após uma excursão de aproximadamente três meses pelas cidades de São Paulo, Santos e Campinas. Nas palavras do cronista: “[...] *elas* em Paris já não se chamam *horizontais*. Pierre Véron arranjou-lhes outra classificação que ‘pegou’ porque não deixa de ser tópica: classificou-as de *momentâneas*. Aí fica o vocábulo à disposição dos colegas” (Grifos do autor) (AZEVEDO, 12/10/1885). Mais adiante o jornalista afirma que durante os intervalos elas se cruzavam nos jardins do teatro. Como já assinalamos, as “toleradas” não estavam no meio do público que buscava uma boa peça de teatro, mas mesmo assim, elas serviam ao menos para engrossar a fila de pessoas pagantes, e com isso ajudar a aumentar os lucros das companhias dramáticas, que constituía uma das grandes preocupações da época, como atesta Fernando Antonio Mencarelli (2003). Na mesma crônica, Artur Azevedo segue afirmando que:

Entre elas era notada a celeberrima S, que todos julgavam morta e sepultada, ou, pelo menos, ausente. A sua ausência foi também momentânea. Ressuscitou anteontem, coberta de brilhantes de todos os quilates.

⁴ “Gênero musical tipicamente espanhol, tanto pela forma (diálogos intervalados com canções ou pequenos conjuntos), como pelo assunto, em geral cômico ou burlesco”. Mais informações podem ser encontradas no *Dicionário do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos*, cuja referência completa se encontra no final deste texto.

Desconfia-se que esta francesa andou viajando pela República dos Tolos. É provável que qualquer dia faça ‘festa artística’ em qualquer teatro, segundo seu velho costume. E há de ter mais concorrência do que teve no seu benefício⁵ a infeliz viúva de Joaquim Manoel de Macedo (AZEVEDO, 12/10/1885).

Em outro momento, as “momentâneas” assim foram mencionadas na “De palanque”:

Estreou, anteontem, no Politeama Fluminense a companhia equestre dos Irmãos Carlo.

Uma enchente real.

Horizontais de todos os feitos e de todas as nacionalidades.

Poucas crianças.

Ausência completa de *high life* (AZEVEDO, 14/08/1885).

Os trechos são bastante ricos em informações e ainda reiteram a preocupação do cronista com este assunto. De forma sucinta, o que ele faz é esclarecer alguns pontos acerca da “chaga da civilização”: havia um grupo de cáftens que importava mulheres de várias nacionalidades para trabalharem como prostitutas na capital do Império. A breve ausência da qual fala o crítico, – no primeiro trecho – pode estar relacionada aos vários processos de expulsão movidos contra elas e seus cáftens. A historiadora Lená Medeiros de Meneses, em *Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio* (1992), nos mostra que:

O cáften e a prostituta francesa firmaram-se como protótipos de uma determinada maneira de fazer amor, dentro do contexto de especialização dos fazeres que caracterizavam a época, firmando-se na mentalidade popular como modelos a serem perseguidos, ainda que o discurso científico definisse o ‘caftismo’ como crime e a prostituição como desvio comportamental (MENESES, 1992, p. 31).

Interessante nesse estudo é a percepção da autora em relação à existência de uma cultura do Brasil em seguir o modelo francês, mesmo quando se tratasse de algo indesejável como a prostituição. Para utilizar uma expressão do próprio Artur Azevedo, o fluminense “macaqueava”, ou seja, copiava servilmente, até mesmo o meretrício da “capital do século XIX⁶”.

A historiadora se voltou para as grandes prostitutas francesas, presença obrigatória nas estreias dos espetáculos e frequentadoras da alta roda do Rio ao lado dos amantes. Um ponto a ser ressaltado é que dentre essas francesas, algumas, além de prostitutas atuavam também

⁵ Espetáculo teatral cuja renda é destinada a um artista, pessoa necessitada ou instituição. Maiores informações sobre o assunto podem ser encontradas no *Dicionário do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos*, já referido neste trabalho.

⁶ A expressão é de Walter Benjamin.

como figurantes de teatro. Em uma crônica de Machado de Assis há uma célebre passagem relativamente à presença de mademoiselle Aimée, atriz de prestígio que integrou o elenco do Alcazar Lírico, teatrinho que existiu no Rio de Janeiro entre as décadas de 50 e 60:

[...] um demoninho louro – uma figura leve, esbelta, graciosa, uma cabeça meio feminina, meio angélica, uns olhos vivos – um nariz como de Safo – uma boca amorosamente fresca, que parece ter sido formada por duas canções de Ovídio – enfim, a graça parisiense, *toute pure* [...] (*Apud PRADO, 2003, p. 92*).

Por ocasião de sua partida em 1868, após quatro anos de estada no Rio de Janeiro, comentava-se que as “esposas e mães de família soltaram rojões, comemorando a volta ao lar dos maridos e filhos”, como mostra Décio de Almeida Prado, em *História concisa do teatro brasileiro* (2003).

Curiosamente, em 1887, quando se noticiou o falecimento da atriz em questão, na cidade de Paris, Artur Azevedo utilizou seu espaço na “De palanque” para tentar desfazer a imagem dela como prostituta:

Houve, realmente, no Alcazar uma longa sucessão de *cocottes*, para as quais o teatro não era mais que uma tabuleta. A Aimée nunca se achou nesse caso, mas naturalmente foi vítima da companhia em que andava. Sendo, entre todas as suas companheiras, a de mais prestígio, quer como artista de talento, quer como mulher bonita, dificilmente poderia escapar à maledicência pública (AZEVEDO, 25/10/1887).

Segundo Lená Medeiros (1992), tais prostitutas francesas (vale lembrar que a historiadora não está se referindo especificamente à Aimée) eram cancanistas, artistas de cabaré, de teatros e de cafés que animavam a vida do Rio e ditavam a moda francesa, desfilando ricamente trajadas e cobertas de jóias como símbolo de prosperidade e requintes de seus protetores. Desse modo, não é difícil imaginar o tipo de festa artística que essas figuras promoviam nos teatros, o que explica a indignação de Artur Azevedo diante desse fato.

Mas a preocupação do cronista com a questão da moralização extrapolava o ambiente teatral. Na crônica publicada em 1 de dezembro de 1885 as prostitutas voltaram a ser o tema, mas desta vez a inquietação do jornalista era em relação às que frequentavam a praia do Boqueirão do Passeio. O cronista começa por aplaudir a atitude de um subdelegado ao reprimir banhistas inconvenientemente vestidos na referida praia. Além da indecência nos trajes dos “anafados burgueses” que expunham as banhas sem nenhum pudor, das “ulcerosas mulatas” cujas formas bamboleavam “dentro de uns sacos de lanzinha azul”, e do vocabulário

de baixo calão proferido por alguns frequentadores da praia do Boqueirão, o desconforto do jornalista residia também no fato de as “senhoras honestas” serem confundidas com as “não honestas”, e serem vítimas de pilhérias de rapazes mal educados:

Eu bem sei que ali não há prerrogativas, e que a mulher desonesta, mais talvez do que nenhuma outra, tem o direito de tomar banhos de mar. Mas em toda a parte pode ser permitida essa promiscuidade de Lucrecias e Aspazias, menos (e digo sem receio de passar por autocrático) menos na nossa terra, onde as *momentâneas*, ou por gestos ou por palavras, arvoram, onde quer que estejam, a tabuleta da sua profissão (Grifo do autor) (AZEVEDO, 01/12/1885).

O trecho é bastante elucidativo do comércio do prazer do Rio de Janeiro. Na opinião do cronista, nenhuma outra praia do Rio de Janeiro pedia com tanta insistência “polícia e folha de parreira”. É bem verdade que, paralelamente à moralização do ambiente, a preocupação de Artur Azevedo residia também na visão que o europeu faria dos nossos costumes se visse e ouvisse o que acontecia no Boqueirão do Passeio.

Em 24 de março de 1886 pediu a ajuda do chefe de polícia, Coelho Bastos, para que acabasse com os cáftens:

Há dias chegaram do Rio da Prata alguns desses cavalheiros, que exercem a mais infame das indústrias, e consta-nos que dois deles já se naturalizaram, para não estarem sujeitos à deportação.
Não os poupe, Sr. Coelho Bastos! V. Ex. pôde acabar com o entrudo; é muito mais fácil acabar com os cáftens. Não dê quartel a tal gentinha, e livre-nos a todos dessa escória social, capaz de desmoralizar Gomorra e de comprometer Sodoma (AZEVEDO, 24/03/1886).

Todos os trechos citados neste trabalho atestam o quanto a prostituição representava um problema sério para o cronista. No afã de moralizar ambientes, chegou a sugerir mudanças nos carros alegóricos dos clubes carnavalescos: considerando que a exibição de mulheres em tais carros redundava num “anúncio indigno”, propôs que elas fossem substituídas por crianças. Não queria que o carnaval se tornasse a “apoteose da prostituição”, como viria a lamentar algum tempo depois.

Anos mais tarde, quando já estava ocupando o posto de cronista em outro periódico, Artur Azevedo voltou a se ocupar dessa gente que formava a “escória social”. No dia 2 de dezembro de 1896, em texto publicado no jornal *A Notícia*, já citado alhures, o cronista tentava responder a duas questões de um suposto “inquérito literário” proposto por Luiz de Castro, redator da *Gazeta de Notícias*, acerca das causas de “decadência” do teatro nacional:

[...] nos intitulados jardins e botequins adjacentes, que fizeram dos teatros um ponto de reunião de gamenhos e prostitutas; no sistema de construção adotado para os nossos pseudoteatros, como se fosse possível um espetáculo sério em semelhantes barracas, abertas de todos os lados, com a representação interrompida por ébrios e desordeiros (AZEVEDO, 06/02/1896)⁷.

As prostitutas não eram diretamente apontadas como responsáveis pela suposta decadência da arte dramática nacional, mas tinham sua parcela de culpa, uma vez que se utilizavam dos jardins para expor a “tabuleta de sua profissão”.

Considerações finais

À guisa de conclusão, embora não apareça explícito em suas crônicas, podemos inferir que na opinião de Artur Azevedo o teatro estava se tornando um ambiente de corrupção moral, num momento em que já o era do ponto de vista artístico. É que essa inquietação no que se refere ao meretrício era contemporânea de uma época em que a cena teatral brasileira era dominada pela opereta, a revista de ano e a mágica, gêneros importados da França, como mostram Fernando Antonio Mencarelli (2003) e João Roberto Faria (2001). E aqui convém abrir um parêntese para lembrar que esse país europeu parecia estar exportando dois elementos indesejáveis – os mencionados gêneros teatrais e as prostitutas – mas que se aclimatavam e enchiam o bolso dos empresários de companhias dramáticas e dos cáftens, aqui no trópico. É que tanto o espetáculo teatral com os gêneros alegres quanto a prostituição constituíam um negócio bastante lucrativo; essa era a opinião de Mencarelli (2003), no que se refere ao teatro, e de Lená Medeiros de Meneses (1992), no que concerne à prostituição.

Devido ao fato de Artur Azevedo ter nacionalizado aquele primeiro gênero e ter trazido o segundo para o Brasil, muitas vezes foi acusado de contribuir para a decadência do teatro. Acusações que o dramaturgo respondia com o argumento de que “o que estabelece a inferioridade das peças de teatro não é o gênero a que pertencem, mas o modo como são escritas”, atesta João Roberto Faria (2001). A leitura que se fazia na época era a de que esses gêneros contribuía para a degeneração do teatro nacional, visto que se pautavam muito mais

⁷ Trecho retirado da coletânea de Larissa de Oliveira Neves e Orna Messer Levin, já citada neste texto.

na cena espetaculosa em detrimento do texto com valor literário. Além disso, muitas companhias teatrais expunham mulheres seminuas no palco. Culpado ou não, o fato é que com certa frequência o próprio Artur Azevedo levantava questões acerca da necessidade de regeneração do teatro no Brasil. Assim sendo, se havia naquela época uma dramaturgia que poderia contribuir para a corrupção dos costumes, juntamente a essa dramaturgia a prostituição surgia como uma ameaça às boas famílias cariocas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS. *De palanque*. Rio de Janeiro, 1885/1886.
- ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- FARIA, João Roberto. *O teatro realista no Brasil: 1855-1865*. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1993.
- FARIA, João Roberto. *Idéias teatrais: o século XIX no Brasil*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2001.
- GUINSBURG, Jacó; FARIA, João Roberto; LIMA, Mariangela Alves de (Orgs). *Dicionário do teatro brasileiro: temas, formas e conceitos*. São Paulo: Perspectiva/Sesc São Paulo, 2006.
- MENCARELLI, Fernando Antônio. *A voz e a partitura: teatro musical, indústria e diversidade cultural no Rio de Janeiro (1868-1908)*. 2003. 305f. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2003.
- MENESES, Lená Medeiros de. *Os estrangeiros e o comércio do prazer nas ruas do Rio (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.
- NEVES, Larissa de Oliveira; LEVIN, Orna Messer (Orgs). *O Teatro: crônicas de Artur Azevedo (1894-1908)*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2009.
- NOVIDADES. *De palanque*. Rio de Janeiro, 1887.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas – SP: Ed. da UNICAMP, 1994.
- PRADO, Décio de Almeida. *História concisa do teatro brasileiro: 1570-1098*. São Paulo: Edusp, 2003.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SOARES, Luiz Carlos. *Rameiras, ilhoas, polacas... A prostituição no Rio de Janeiro do século XIX*. São Paulo: Ed. Ática, 1992.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: INTERCOM; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.
- VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

Artigo recebido em fevereiro de 2014.
Artigo aceito em abril de 2014.